

## DESERTIFICAÇÃO

*Andar pelo interior do país é ser invadido por sentimentos antagónicos. Por um lado, comovemo-nos com as belezas naturais que ainda imperam no nosso Portugal. Por outro, os olhos lacrimejam com o abandono a que foi deixada esta nossa terra...*



GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DAS FLORESTAS E DESENVOLVIMENTO RURAL

# INTERIOR MAIS POSITIVO

*Rui Barreiro, Secretário de Estado das Florestas e Desenvolvimento Rural, em entrevista à revista País Positivo a propósito do Seminário Ibérico de «Combate à Desertificação, Abandono Rural e Despovoamento».*



“  
O CASO DE IDANHA-A-NOVA É UM EXCELENTE EXEMPLO PORQUE CONSEGUIU CRIAR UMA ESPÉCIE DE BOLSA DE OPORTUNIDADES QUE PERMITEM DAR DIMENSÃO AO TERRITÓRIO  
”

o território nacional com o intuito de criar hábitos de discussão de problemas e criação de soluções”. Exemplo disso, é o Seminário Ibérico realizado em Idanha-a-Nova que, de entre as diversas vantagens, promove uma reflexão local do problema e junta a componente ibérica. De facto, “se é verdade que Portugal tem problemas ao nível do desenvolvimento rural, Espanha consegue, em alguns casos, ter problemas bem mais graves”. Mas quando se fala de desertificação, está a falar-se de que concretamente? “A desertificação tem duas componentes: a humana (despovoamento) e física. As alterações climáticas e a desflorestação provocam a desertificação física. Além disso, o nosso país tem um problema de desequilíbrio de meios, recursos e densidade populacional que, de certa forma, faz com que o país seja menos competitivo”.

Como se sabe, os países mais competitivos são aqueles que conseguem uma melhor divisão e equilíbrio em todo o país. Aliás, a competitividade também se mede pelo número de horas que se demora a chegar ao local de trabalho ou que se perde nas filas

**A** Desertificação, Abandono Rural e Despovoamento são, hoje, matérias na ordem do dia e a Década das Nações Unidas sobre Desertos e de Combate à Desertificação obriga a que Portugal tenha uma actuação concisa e direccionada nesta matéria. É um lugar-comum atribuir a «culpa» da

dificuldade de gestão do mundo rural à desertificação e ao abandono rural e, de certa forma, a realidade é exactamente essa. Importante é que do senso comum se possam retirar conclusões que levem a uma reflexão sobre a matéria e à criação de políticas capazes de evitar males maiores. “Esta é uma matéria que já

tem sido alvo de diversas acções. Fizemos, recentemente, uma exposição intitulada «Terra Deserta» que teve uma importância extrema na medida em que serviu para sensibilizar a sociedade civil para esta temática. Além disso, promovemos e organizamos diversas reuniões e seminários em todo

de trânsito e Portugal, apesar de ser um país relativamente pequeno, tem alguns problemas a este nível. Segundo o Secretário de Estado, foram já tomadas algumas medidas, nomeadamente a criação do Observatório Nacional de Desertificação, os Planos de Acção Regional e a Comissão Científica para o acompanhamento do combate à desertificação, que tem como principal intuito **“produzir legislação relacionada com esta matéria”**. Por outro lado, **“temos de introduzir a noção de cooperação com países da CPLP, nesta área, que possam ser relevantes para todos.”**

Rui Barreiro não espera soluções milagrosas deste Seminário Ibérico, mas considera de extrema importância a consciência para as questões relacionadas com o abandono rural e desertificação, **“ainda mais num período de crise económica e financeira mundial em que a premissa número um é a criação de postos de trabalho e a capacidade de criar riqueza”**. E só conseguiremos gerar riqueza aproveitando os recursos à nossa disposição e Portugal tem um vasto território desaproveitado. Basta fazer uma viagem pelo interior do país para perceber que cerca de um quinto do nosso território não é aproveitado e isso tem uma explicação simples: falta de mão-de-obra. **“É necessário que se tomem medidas que aproveitem e potencializem os recursos naturais existentes no nosso país e o trabalhar o solo é também uma forma de equilibrar a balança das exportações e importações na medida em que quanto mais produzirmos, menos temos que importar”**. No entanto, esta é uma temática que não deve ser apenas tratada no seio do Ministério da Agricultura, mas sim ser parte de uma política global. Como se sabe, as pessoas rumam ao litoral em busca de melhores condições de vida e, assim, é necessário que se promovam políticas que criem estruturas capazes de replicar essa mesma qualidade de vida no interior, criando actividades culturais e de lazer, postos de trabalho e vias de comuni-

cação capazes de ligar, literalmente, o país de ponta a ponta. **“Obviamente que os centros urbanos têm vindo a receber tantas pessoas que essa qualidade de vida que tantos procuram acaba por desaparecer e há já quem retorne às origens em busca da tranquilidade. Mas é necessário que esta mobilidade seja consciente e que sejam criadas as condições necessárias para que exista, efectivamente, fixação de população”**. O panorama nacional, comparado com o cenário espanhol, não é tão preocupante mas também é necessário que se reconheça que existe ainda um longo caminho a percorrer e muito trabalho a ser feito. E para isso, **“é fundamental o envolvimento das autarquias. O caso de Idanha-a-Nova é um excelente exemplo porque conseguiu criar uma espécie de bolsa de oportunidades que permitem dar dimensão ao território”**. Desta forma, **“reafirmo a importância do Observatório para a Desertificação que trabalhará de forma a apontar alguns caminhos e oportunidades através do trabalho de técnicos altamente especializados e aplicados”**.

O Ministério da Agricultura tem uma vocação especial para as questões de âmbito rural e o seu desenvolvimento pelas áreas que tutelam. **“Este ministério tutela, por exemplo, a área das florestas que é extremamente importante para o combate à desertificação física. O seu contributo essencial para o ciclo hidrológico, para a fixação de carbono e para a criação de riqueza no território é primordial mas a actuação não se resume a esta área. Ou seja, existe um conjunto de áreas tuteladas por este Ministério que são essenciais para que exista uma política coesa e bem definida de combate à desertificação e abandono rural e todas elas merecem destaque e visibilidade.”**

Se é verdade que Portugal atravessa um período complicado onde a palavra crise assume cada vez mais destaque e ampli-

“**DESERTIFICAÇÃO É UM FENÓMENO FÍSICO E CONJUNTURAL. AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS, A DESFLORESTAÇÃO E O AUMENTO DAS TEMPERATURAS, PROVOCAM, EM ALGUMAS SITUAÇÕES ESPECÍFICAS, UMA SITUAÇÃO IDÊNTICA ÀS QUE SE PODEM ENCONTRAR NO DESERTO**”

tude, não menos verdade é que estes ciclos combatem-se com trabalho, com a criação de emprego e, sem dúvida, o sector primário assume-se como uma grande oportunidade. Assim, **“é primordial que o Ministério fomente e organize encontros em colaboração com as autarquias, como é exemplo o Seminário de Idanha-a-Nova, para que se possam produzir reflexões e avançar com elementos-chave que preocupam a Península Ibérica. Estamos perto da apresentação da proposta da nova Política Agrícola Comum e, portanto, é uma altura muito importante para que as propostas 2013/2020 possam reflectir algumas das matérias que nos preocupam, nomeadamente o abandono rural e o despovoamento”**.

Crise é, em muitos casos, sinónimo de oportunidade e esta é também uma altura fun-

#### PRODUZIR LOCAL

**“Temos que, cada vez mais, ser capazes de produzir localmente produtos de grande qualidade para que estes possam ser consumidos com as suas características e qualidade originais, local ou globalmente. Estudiosos de todo o mundo referem que é preciso produzir mais e melhor e, portanto, é preciso potenciar os recursos disponíveis para o efeito. Há diversos produtos do sector primário que são sinónimo de qualidade e de sucesso e hoje começa-se a olhar para este sector como essencial para a sustentabilidade do nosso país”**.

damental para mostrar os casos positivos. Por exemplo, os Grupos de Acção Local têm conseguido mostrar que é possível fixar massa cinzenta no interior, aproveitando o nosso maior recurso que são as pessoas, por um lado, e que existem muitos postos de trabalho que já foram criados e que significam a resolução de diversos problemas, por outro. **“Isto tem feito com que Portugal seja uma referência a nível internacional no que diz respeito a produtos do sector primário, existindo já uma rede de exportação bastante credível que queremos promover. E estes encontros servem principalmente para mostrar e para replicar os exemplos positivos. No entanto, importa recordar que sucesso apenas no dicionário vem antes de trabalho e, portanto, é necessário que as pessoas e entidades se apliquem e colaboram de forma estreita”**.

Concluindo, é preponderante que rentabilizem os recursos de uma forma concertada e, se possível, ibérica. O programa do Seminário Ibérico de «Combate à Desertificação, Abandono Rural e Despovoamento» é bastante rico e conta com a participação de diversos técnicos ligados aos centros de saber e de investigação que, de certa forma, **“irão apontar caminhos, apoiados no passado e olhando para o futuro. Essencial é que se tenha a noção de que este é um combate contínuo, não tem um fim e deve, por isso, fazer sempre parte das nossas preocupações”**. Rui Barreiro termina a entrevista cedida à nossa publicação deixando uma mensagem: **“Estamos aqui para tornar o nosso interior cada vez mais positivo e o nosso país efectivamente mais equilibrado”**. ■■

